

A CASA, A RUA, A LUTA: APONTAMENTOS DE UMA PESQUISA COM CRIANÇAS

THE HOUSE, THE STREET, THE STRUGGLE: NOTES OF A RESEARCH WITH CHILDREN

Caroline Trapp de Queiroz 1
Rita Marisa Ribes Pereira 2

Resumo: Esse artigo tem por objetivo colocar em discussão as relações que se estabelecem no encontro do pesquisador com o seu tema, na medida em que eles vão se afetando e se alterando no processo de pesquisa. Para isso, toma-se como lócus o campo de uma pesquisa de doutorado que se propõe a investigar as relações entre crianças e diferentes experiências de moradia. A indagação inicial sobre a compreensão das crianças quando suas famílias mudam de casa, se afeta pelas crianças que, na rua, precisam ressignificar o conceito do que seja casa e, nessa ressignificação, a moradia ganha o status de uma luta da qual as crianças também participam. Considera-se uma oportunidade ímpar poder tratar dessa transformação de caráter teórico-metodológico quando flagra-se as crianças transformando em indagação sua o tema de pesquisa apresentado a elas – ou quando elas, ao indagarem sobre as condições de moradia em sua vida cotidiana, afetam a pesquisa a ponto de transformá-la. O texto traz para o debate três distintas situações observadas e registradas na forma de crônicas, buscando problematizar, par a par, as transformações do tema ao longo da pesquisa e as exigências teórico-metodológicas que acompanharam essas transformações.

Palavras-chave: Crianças e Moradia. Metodologias de Pesquisa. Pesquisa com Crianças.

Abstract: This article aims to discuss the relationships established when the researchers meets their topic and both are affected in the research process. The field of a doctoral research is taken as the locus that seeks to investigate the relationships between children and their different housing experiences. The initial question about the children understanding when their families move, is affected by children who, on the street, need to reframe the concept of what home is and by doing so, housing gains the status of a struggle in which children also participate. We consider it a unique opportunity to be able to deal with this theoretical and methodological transformation in the making, while we observe children to question the research on their own as we present it to them - or when they inquire about their daily life living conditions, affecting the research to the point of transforming it. The text brings to the debate three different situations observed and recorded in the form of chronicles, seeking to discuss the theme transformations throughout the research, therefore the theoretical and methodological requirements that accompanied these transformations.

Keywords: Children and Housing. Research Methodologies. Research with Children.

Mestra e Doutoranda em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4286415201721405>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2265-9351>. E-mail: trapp.queiroz@gmail.com. Esse artigo foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista PROCIÊNCIA-UERJ/PAFERJ. Bolsista de Produtividade CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6665667611048925>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8605-3394>. E-mail: ritaribes@uol.com.br

Introdução

O que confere singularidade às Ciências Humanas e Sociais é o fato de que seu objeto de investigação é a própria realidade humana e social. Por essa razão, Bakhtin (2002) refere-se às Ciências Humanas como sendo ciências do discurso, na medida em que, tanto o pesquisador é um sujeito que interpreta e se pronuncia sobre a realidade que pesquisa, como o objeto de sua pesquisa é também um outro que interpreta o mundo e se pronuncia sobre ele. Na perspectiva trazida pelo autor, o acontecimento da pesquisa é um encontro entre sujeitos, o que coloca em pauta a temática da ética como fundante à pesquisa e não apenas como normativa circunscrita ao trabalho de campo. Podemos dizer que, de um modo geral, é o pesquisador que funda a condição de pesquisa, na medida em que a planeja a partir de um tema por ele escolhido na vida cotidiana e de uma questão que, inicialmente, é sua. No entanto, ao buscar interlocutores na intenção de respondê-la – interlocutores teóricos e interlocutores no campo empírico – sua pesquisa passa a orquestrar um jogo de olhares e discursos que alarga o tema enfocado, bem como reinventa a pergunta que existia como ponto de partida.

Para Bakhtin (2003) a comunicação humana se organiza a partir de um encontro entre sujeitos mediados por um tema. Não há comunicação sem essa tríade: o eu, o outro e o tema. Os sujeitos se posicionam valorativamente sobre o tema e, ao mesmo tempo, uns sobre os outros. O tema é o ponto de encontro entre os sujeitos na pesquisa, encontro esse que não está dado e nem se concretiza no simples colocar-se em presença do outro. No processo da pesquisa que aqui apresentamos o tema da moradia se colocou como ponto de encontro entre pesquisadora e crianças e foi sendo redesenhado nessa relação.

Uma primeira especificidade a tratar é o fato de o outro da pesquisa ser uma criança. Como se desenha a relação entre o pesquisador, seu outro-criança e o tema que os coloca em diálogo? Se, como pondera Bakhtin (2003), ao nos posicionarmos sobre o tema, nos posicionamos valorativamente sobre o outro, que temas são colocados em diálogo (ou deixam de ser) na pesquisa com crianças? O que, na construção de uma pesquisa, ganha especificidade justamente pelo fato de o interlocutor ser uma criança?

Somos signatárias da compreensão sistematizada por Walter Benjamin (2002) de que as crianças participam do mundo social pela sua simples presença e intermitentemente o espreitam e se posicionam sobre ele, ainda que os adultos pouco se esforcem para percebê-las para além dos limites que prescrevem a elas – a condição de aprendiz. Isso faz com que as crianças sejam tratadas como se fossem seres distantes que exigem do adulto formas extremamente inventivas de interlocução, posto que não se desloca de uma função pedagógica. Na contramão disso, Benjamin assegura que,

A criança exige do adulto uma representação clara e compreensível, mas não 'infantil'. Muito menos aquilo que o adulto costuma considerar como tal. Ela possui senso aguçado mesmo para uma seriedade distante e grave, contanto que esta venha sincera e diretamente ao coração (2002, p. 55).

Um olhar mais aguçado para a produção dos Programas Radiofônicos que Benjamin (2015) apresentou às crianças entre os anos de 1927 a 1933 dá-nos a ver o quanto o autor buscou transformar esse cuidado em uma política para a infância. Temas mais pueris como brinquedos e parques onde passear se fazem acompanhar de questionamentos sobre a economia, a história, os conflitos sociais e, mesmo, a relação entre adultos e crianças. Um dos programas de rádio Benjamin dedica ao tema da moradia, apresentando às crianças um convite a observarem a arquitetura berlinense de seu tempo e a se indagarem sobre os motivos de ter tal formato.

O foco de Benjamin são as “casernas de aluguel”, inspiradas nas casernas militares e que consistiam em aglomerar uma grande quantidade de pessoas numa metragem limitada de terreno, cercadas por muros de pedra e encasteladas como se fossem um quartel. Os sucessivos planos de reurbanização, à luz da crescente industrialização, pouco mais fizeram que

capitalizar a especulação imobiliária transformando, inclusive, campos agrícolas em terrenos rentáveis. Resultam daí prédios residenciais cada vez mais superlotados, na medida em que, não havendo como ampliar os terrenos, o possível lucro para seus donos adviria da subdivisão para locação.

A modernização exigindo grandes vias de circulação obrigava à remoções da população. Longas avenidas em direção aos subúrbios erguiam mansões que antes mesmo da queda da monarquia ou da crise impetrada pela Primeira Guerra, haviam se transformado em casernas abrigando extenso número de famílias. Contrastavam, diz Benjamin, com as casas construídas “aninhadas à vegetação”, mas também com o povo cigano, sua característica nômade e suas próprias formas de moradia, tema do qual fala em outro programa. Esses relatos de Benjamin visavam chamar a atenção das crianças que as arquiteturas da cidade educavam o modo de viver das pessoas nas casernas, nas cidade-jardim e nos tipos de moradia que faziam jus à vida nômade, tornando-as mais hostis, mais medrosas ou livres. O programa encerrava-se desafiando as crianças a observarem que novas pessoas estavam nascendo com as novas arquiteturas.

Em seu Programa, Benjamin (2015) afirma que as condições de moradia é um tema a ser problematizado com as crianças, pois, como afirma, as crianças-ouvintes sabiam do que ele estava falando pela sua própria experiência do morar. Buscando com as crianças uma postura de horizontalização, o autor aponta para uma experiência sensível do olhar e a construção de uma ética nos modos de compartilhar o conhecimento que deriva desse olhar, elementos fundamentais para a pesquisa.

O conceito de exotopia desenvolvido por Bakhtin (2003) também mostra-se importante para a reflexão aqui pretendida. O conceito refere-se à construção de um excedente de visão que se constrói eticamente amalgamado à visão do outro. Num primeiro momento, é preciso que eu experimente olhar o mundo na perspectiva que o outro olha, não na pretensão de ocupar seu lugar (tarefa impossível), mas no sentido de reconhecer que a sua perspectiva é legítima e oferece uma abordagem singular que só ele pode me oferecer. Esse parece ser o convite feito por Benjamin às crianças em seu programa de rádio: o compartilhamento de um olhar sobre a moradia, ainda que delimitado pelas leis da técnica radiofônica.

A pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, num movimento semelhante, é um exercício de tentar se aproximar de um tema a partir do olhar do outro. Neste caso, é o pesquisador que espera o convite. Uma pesquisa com crianças é, em tese, uma tentativa de espreitar o mundo pelo olhar da criança. Segue-se a esse primeiro exercício da exotopia – de buscar ver o que o outro vê – o diálogo entre o que o outro me faz ver com aquilo que, do meu lugar, vejo e posso dizer, isto é, a construção de um posicionamento valorativo em relação ao outro e àquilo que ele me apresenta. Um excedente de visão que se abre pelo deslocamento que o outro me permite.

Este texto traz para o debate relampejos daquilo que consideramos o encontro do pesquisador com a criança mediado pelo tema da pesquisa, a partir desse exercício de buscar o horizonte que a criança nos oferece, momentos em que o tema parece ter se tornado uma questão também para a criança. Julgamos que esse momento nem sempre é perceptível na construção da pesquisa, haja vista que, de um modo geral, quando o pesquisador, em seu texto, fala da construção do objeto de estudo, está falando unicamente de uma experiência que é sua. Por isso mesmo, consideramos uma oportunidade ímpar poder tratar dessa experiência que se mostrou para nós, de situações onde flagramos a criança transformando em indagação o tema de pesquisa que apresentamos a ela – ou que ela, mesmo sem saber ser nosso tema, indaga como demanda da vida cotidiana.

O tema aqui delimitado é o das relações de crianças com suas experiências de moradia. Esse tema tornou-se questão a partir do compartilhamento de memórias e experiências de vida das autoras que vão delineando, ao ato de morar, contornos subjetivos. A moradia é entendida como o espaço concreto e material adornado pela substância que o morador secreta dentro dos limites da casa (PALLASMAA, 2017). Um espaço recheado de gente, que “expressa a personalidade para o mundo exterior, mas, de modo igualmente importante, reforça a imagem que o morador tem de si mesmo e materializa sua ordem do mundo” (PALLASMAA, 2017, p.21), lhe oferecendo de volta elementos necessários para a organização da vida.

Um tema que demanda pensar no elemento humano e suas expectativas específicas – o que ajuda a dar rosto aos números que comumente integram os estudos sobre moradia, pois desnuda que por trás de cada cifra, existem histórias que precisam ser ouvidas. Um tema que pede pelo outro para se fazer potente.

Aqui esse tema será mobilizado a partir de uma pesquisa de doutorado que nasceu com o objetivo de discutir mudanças de residência, mas que, devido ao movimento que é próprio da pesquisa, alterou-se no campo, passando a focar as relações que as crianças iam estabelecendo com o espaço da moradia e o ato de morar. Essa alteração no modo de olhar para o tema emerge e também constitui alterações que vão se dando na relação entre o pesquisador e seu outro, e que alteram o todo da pesquisa. Dessa forma, se o movimento inicial circunscrevia-se ao espaço privado da casa, com o tempo, ele foi-se movendo para os espaços coletivos de luta, que pressupõem o compartilhamento de questões da esfera pública.

As crianças que dão existência à pesquisa e que aparecem nesse artigo são oriundas de diferentes contextos, o que molda suas relações com o mundo e, em certa medida, com a própria pesquisa, que vão demandando modos próprios de chegada, visada, registro, teorização e devolutiva. Assim, trazemos aqui três dessas crianças: Lizzie, que vive, no interior de seu núcleo familiar, o processo de mudança de casa; um menino que se deixa afetar pela precarização das condições de moradia no espaço público da cidade do Rio de Janeiro; e uma menina que integra um movimento organizado de luta por moradia no campo. Une essas crianças o fato de pertencerem todas à classe trabalhadora, fato possível de ser identificado tanto pelo conhecimento prévio de suas famílias, quanto pelos símbolos que operam esse recorte social, como a vestimenta e o aparente cartão para uso do transporte coletivo.

Como metodologia, as três experiências trazidas para esse artigo congregam uma tipologia variada de presença no campo e registro do vivido: no caso de Lizzie, acompanhou-se o processo de mudança, pois havia já uma relação de amizade entre pesquisador e criança. O modo de registro, nesse caso, se valeu de gravação de voz, vídeos e fotografias. No caso do menino, o encontro se deu pelas ruas do centro do Rio de Janeiro, contexto em que o esforço de observação e o registro escrito no celular se apresentaram como formas viáveis de estar em campo. Em relação à menina do movimento organizado, a cena demandou esse mesmo procedimento, observação e registro escrito com aplicativo de notas do celular, muito por conta da própria dinamicidade característica dos encontros do grupo.

O processo empreendido após a experiência de campo e o registro do vivido, como forma mesmo de trazer ao texto da pesquisa o que foi produzido no encontro entre pesquisador e criança, foi a elaboração de crônicas que, como veremos ao longo desse artigo, ocupam o lugar de apresentação do registro de campo e de formulação teórica sobre a realidade social. Um formato que, na interseção de literatura, jornalismo e ensaio, permite correlacionar ciência, arte e vida (BAKHTIN, 2003).

A metodologia mora no tema

É no encontro com o outro que o tema ascende à condição de questão, provocando quem o formula e quem é convocado a formulá-lo na própria experiência de vida. Nesse movimento, o que aparece como dado se torna indagação. Afinal, o que é uma casa? Por que há gente morando na rua? O que efetivamente está em jogo quando a moradia é ameaçada?

Tentando compreender esse movimento, fica a reflexão sobre de onde efetivamente nascem as questões de pesquisa, uma vez que o campo tenha por dinâmica principal esse fundamental chacoalhar das estruturas científicas distinguindo as investigações umas das outras e enfatizando que cada produção tem uma história diferente. Afinal, é possível uma pesquisa, em ciências humanas, que não se altere diante da chegada do outro e de sua plenitude de ser, no momento em que entramos no campo?

O próprio objeto ganha, portanto, a partir da experiência do coletivo, novas significações, afinal, se é no trânsito que nos constituímos a nós mesmos e percebemos o mundo que nos cerca, é também imbuídos da busca pela morada que empreendemos esse movimento, no interior do processo de mudança de casa. A história da humanidade tem início a partir desses

dois eixos: mudança e moradia. Das sociedades caçadoras-coletoras até o efetivo processo de sedentarização, seguimos construindo uma história que reveza entre movimento e abrigo. Essa é uma dinâmica que começa na busca por melhores condições para a agricultura, a pesca e a própria proteção, e se desenvolve em direção à procura de emprego e renda, no caso das sociedades modernas e contemporâneas, seja em decorrência de conflitos políticos, sociais, familiares, etc., ou mesmo pelo simples desejo do novo.

E independente dos motivos pelos quais se decida efetivar a mudança de casa, passa a ficar claro que não se trata de caixas, móveis ou utensílios que transitam de um lado para o outro, mas de seres humanos, com expectativas específicas, que partem para mudar de vida. Não se trata de um jogo de tabuleiro, mas de sujeitos que se movem buscando modos de lidar com as contingências da vida.

A pesquisa aqui apresentada lança mão de diferentes estratégias metodológicas, como já afirmamos. No entanto, para a escrita deste texto privilegiamos dois aspectos da construção metodológica: a observação e o registro em forma de crônicas. Esse destaque se deve às diretrizes do projeto institucional a que esta pesquisa se vincula, cujo objetivo é o estudo do cotidiano de crianças na contemporaneidade. Para tanto, buscamos estar atentos às situações cotidianas envolvendo crianças que nos afetem e procuramos apresentar essas situações de forma problematizada ao mesmo tempo em que visamos meios de popularização da ciência.

Inspiradas em Ítalo Calvino (1994), adotamos como guia de observação a provocação do autor sobre a necessidade de “aprender a estar morto”, desafio que o autor apresenta em seu livro *Palomar*, em conto homônimo. O que Calvino propõe, em seu conto, é a construção de uma atenção sensível em face de um contexto em que nos arvoramos a ser intermitentemente proativos. Assim, sem negar a existência no mundo, o autor indica o desafio de observar atentamente e abdicar provisoriamente de um agir proativo. Que é, para o pesquisador, aprender a estar morto? Que infâncias se mostram a ele quando abdica da ação proativa de se dirigir em busca dela? Em que medida afirmam ou confrontam as concepções de infância que até então desenhavam seu imaginário e sua base teórica?

Assim, as situações aqui trazidas em forma de crônicas apresentam situações vividas em campo que são apresentadas de forma problematizadas por um narrador que se posiciona tanto em relação às crianças que vivem essas situações, bem como em relação ao tema – a moradia – que tais situações colocam em pauta. O registro em forma de crônicas embasa-se, teoricamente, na filosofia de Walter Benjamin (1987; 2002), que vê no cronista a possibilidade de uma historiografia que leva em consideração não apenas os fatos oficializados, mas que se dedica a sistematizar as experiências miúdas e muitas vezes consideradas sem importância que compõem o cotidiano. Nessa mesma direção, buscamos apoio na obra de Antônio Cândido (1992) para quem a literatura é uma forma de teoria social. Segundo o autor, a crônica é um gênero discursivo que tem por matéria prima o cotidiano, que dele pinça um instantâneo com vistas a transcender esse recorte temporal na medida em que o problematiza. O autor afirma que o cronista visa a vida que se produz ao rés do chão, isto é, a subjetividade que se mostra na materialidade dos acontecimentos cotidianos.

Trazemos a seguir 3 situações de campo apresentadas sob a forma de crônicas, buscando entremeá-las com alguns comentários que, neste texto acadêmico, assumem uma função de análise. Consideramos importante fazer esta ponderação na medida em que as crônicas em nosso trabalho de pesquisa almejam ocupar duas formas distintas de existência, enquanto gêneros discursivos, na acepção que Bakhtin (2003) nos permite elaborar. Uma, primeira, que diz respeito a sua existência enquanto gênero literário autônomo, com estrutura própria, que ganha independência da atividade da pesquisa e que, como crônica, gênero literário, alicerça sua circularidade na dinâmica social. Seu endereçamento é aberto, como é próprio do gênero crônica, e visa, a partir desse gênero, popularizar temas já sistematizados pela ciência – na medida em que a produção das crônicas envolveu um profundo estudo teórico e metodológico. Mas sua circulação não se diferencia daquela que é própria ao gênero – livros, jornais, panfletos, zines.

A outra forma de existência está ligada ao uso da crônica especificamente como registro de pesquisa, a exemplo deste texto. Ainda que mantendo sua forma singular de gênero literá-

rio, compõe com o texto acadêmico um gênero misto, na medida em que, sem abrir mão da sua literariedade, visa um debate que é organizado sob a lógica do gênero científico-acadêmico e seu endereçamento visa, sobretudo, pesquisadores de campos disciplinares afins, bem como interessados nas questões epistemológicas e metodológicas que constituem uma pesquisa.

Entendemos que é na crônica que as dimensões da ética e da estética se entrelaçaram nessa pesquisa, já que é na escrita que o autor deixa ver a ética que baliza sua existência no campo acadêmico e sua inserção no tema em debate, mais do que em qualquer protocolo de responsabilização prévia. Isso porque, nesse momento, ele pode escolher se segue na companhia dos sujeitos da pesquisa, considerando-os em cada vírgula, ou se os cala diante da sua necessidade de dizer mais do que os próprios sujeitos lhe deram a conhecer. É ali que ele vai optar se segue pela escrita como indivíduo ou se vai convocar aqueles que são responsáveis pela emergência do tema enquanto questão.

Essa reflexão é importante porque dela nasce a postura com a qual esse outro será enxergado, recebido, tratado e apresentado no texto – lembrando que, como já dissemos, as ciências humanas são ciências do texto, pois têm como meio de divulgação a circulação escrita de procedimentos de pesquisas, sendo o texto aqui entendido como o ato de comunicar, que une palavra e enunciado, signo e sentido (BAKHTIN, 2003). E essa postura, quer queira o pesquisador ou não, aparece impressa no texto, numa cristalização da ética que balizou o processo todo, desde a elaboração das questões, das escolhas metodológicas, até o encontro com o outro e os modos como escolheu-se trazê-lo na narrativa científica.

Portanto, como itinerário mesmo de uma proposta metodológica, é como registro, sustentado muitas vezes com o uso de fotografias, vídeos, registros em blocos de notas eletrônicos, que as crônicas capturam e tentam dar conta da observação do cotidiano. Do processo de esboço individualizado, próprio do exercício da escrita, passamos ao compartilhamento da leitura com os pares, que vai lapidando proposições nesse coletivo, sendo parte da construção de uma ciência que se faz na sua própria feitura e entre pares.

A escrita é, então, um processo de (re)pensar, ética e esteticamente, o que queremos fazer existir a partir do que comunicamos para o mundo com as nossas pesquisas. Assim, para além das questões éticas e estéticas que envolvem a construção do texto, importa pensar também na dimensão política do que se quer dizer.

ENCAIXOTADOS

Caixas por todos os lados. Começa com ordem: Cada cômodo terá suas próprias etiquetas de identificação. E aponta para o progresso: Louça com louça, embrulha no jornal, coloca na caixa e etiqueta como “Cozinha”. Lá pelas tantas, emerge a anarquia! Surgem coisas que não cabem em nenhuma das caixas. Não são louças, nem livros, nem enfeites. Não são perecíveis, nem frágeis, nem importantes. São bugigangas. Daquelas que não servem para nada, mas às quais nos apegamos e que se tornam verdadeiros dilemas na hora da mudança. Questão filosófica mesmo: pra quê eu preciso disso? Mas será que não vou dar falta depois? De onde veio mesmo? Vai ou não vai? Pega outra caixa, etiqueta como “Tralhas” e joga nela tudo o que se enquadra como “coisas que não se enquadram em lugar nenhum”. Pronto, problema resolvido!

- Onde tá a chave da casa nova? – pergunta a mãe.

- Puts, esqueci de pendurar no chaveiro. Não tá em cima daquela caixa grande azul, na sala? – indaga o pai.

- Lá não tá não. Já olhei 500 vezes por tudo e não encontro [...]

O pai se levanta do colchão, no cenário de improviso típico das mudanças, sai tateando as caixas do quarto, acende a luz e vai em busca da chave.

- Mãe, tô com fome! – Avisa a filha.

- Agora não! Agora a gente precisa dormir pra acordar cedo porque amanhã a gente vai pra casa nova.

- Ahhhh, mas eu queria comer macarrão [...] – retruca a filha chorosa.

- Desce daí Sirius! – adverte a mãe ao cachorro, que insiste em dormir em cima das caixas. – Amanhã eu faço um prato de macarrão pra você! – Negocia.

- Ô mãe, a gente vai poder levar o Sirius pra casa nova? – Indaga.

- Claro, filha! – Responde imediatamente a mãe. – O Sirius é da família!

A menina fica pensativa por alguns segundos e retoma o diálogo:

- Mãe, vocês vão me esquecer?

- Claro que não, filha! – Responde a mãe, num movimento de aproximação a fim de olhar nos olhos da criança – A gente jamais te esqueceria! De onde você tirou isso?

- É que vocês tão esquecendo tudo [...]

Da sala ouve-se o pai, num grito de felicidade: ACHEI!!!

Lizzie (3 anos) traz para o campo da pesquisa uma questão fundamental na discussão sobre os sentidos desse deslocamento e os afetos em relação aos espaços. Desde o início da movimentação em torno da mudança, ela dá pistas sobre uma complexa concepção de pertencimento: afinal, pertencem as coisas aos espaços onde estão, e de onde, portanto, são, ou nos pertencem a nós mesmos e podemos leva-las conosco para outros espaços? Essa tessitura se evidenciou em três momentos distintos: o primeiro relativo à pergunta sobre se poderia levar suas coisas para a casa nova, o segundo, sobre se Sirius, o cachorro da família, poderia se mudar junto e o terceiro, enfim, sobre se ela seria esquecida pela família.

Essa relação entre o afeto pelos objetos, seu pertencimento ao cotidiano da criança, que congrega tempo, espaço e experiência vivida, e a dúvida alimentada pela dicotomia velha casa/nova casa, e o que cabe nelas duas, recolocam a questão dos significados envolvidos nesse processo. Além disso, as indagações parecem apresentar a experiência como questão para a própria menina, que provoca um repensar da dimensão material que o afeto na relação com os espaços toma, como potência mesmo dos modos de viver os lugares. Yi-fu Tuan (1974) fala dessa relação ao conceituar topofilia, se referindo aos laços estabelecidos com os espaços na partilha do afeto que lhes confere sentido único. O mesmo, no caso da mudança, pode ser chamado de cronotopofilia, fazendo uma analogia ao conceito do autor – e considerando também

o que nos diz Bakhtin (1998) quanto à indissociabilidade de tempo e espaço, o que chama de cronotopo.

Nesse caso, a relação afetiva se circunscreveria à experiência mesmo desse deslocamento, ou seja, ao caos que a mudança provoca, trazendo consigo sentidos únicos ao contexto de estar em trânsito, nesse entre-lugar que demarcou para Lizzie a emergência de questões sobre se os objetos pertencem aos espaços, se o cachorro que tinham na casa antiga poderia ser levado à nova, e sobre se ela seria esquecida em meio às tantas coisas perdidas no processo de fechamento das caixas. A ideia de cronotopofilia se apresentou, então, como uma relação da menina com o tempo e o espaço por ela vividos, considerando as relações simbióticas que estabelecemos com ambas as dimensões num movimento de resignificação de acordo com as experiências.

As tempospacialidades como disputa trazem o caráter da *philia* como prerrogativa de sua significação. Daí Lizzie se situar na dinâmica da mudança como parte do próprio caos demarcado pelas caixas de papelão, pela correria e pela ruptura momentânea da ordem de uma rotina que lhe garantia relativa possibilidade de previsão do cotidiano e organização da vida.

CEP¹

O CEP mais disputado do Rio de Janeiro é a rua. Não, não falo da boa e velha ocupação das calçadas pela resistência do samba, da poesia ou da cervejinha gelada nas noites de calor. Falo mesmo do contexto que tem obrigado diversas famílias a fixar residência no limiar, aquela soleira que outrora separava a rua da casa. Quando a rua vira casa, pode parecer que a fronteira foi transposta, mas há no ato de morar indícios que rabiscam tímidas delimitações, facilmente e quase sempre transpostas pela precarização: o par de chinelos deixado do lado de fora, os tapetes que forram o chão e o ajudam a manter-se limpo – afinal, casa suja é questão séria para o Conselho Tutelar –, o pedaço de madeira como porta de entrada, as sacolas e bolsas que fazem vezes de mobílias, os setores tão caprichosamente divididos entre documentos, roupas, remédios, comida e brinquedos.

Nada explica melhor a cisão rua e casa do que a criança espiando da porta para dentro, ciente da violação da intimidade que comete, ainda que em plena calçada pública. O dentro no fora. O fora de dentro. O lar como demarcador. Identidades calcadas na ondulação das camadas de papel que, tramadas, vão compondo o papelão, essa matéria-prima das camas, janelas, paredes, berços [...] A criança que, parada na rua, espia a vida alheia por entre as frestas da frágil casa, carrega consigo uma sombrinha estampada com personagens do famoso filme Toy Story. Nele, os brinquedos que chegam às mãos da criança, acomodados em caixas de papelão personalizadas e embrulhadas em bonitos papéis de presente com laços, possuem vida, mas claramente não são humanos. Aos olhos da criança que espia, uma realidade que corrobora a ficção. Nela, também há vidas acomodadas em caixas de papelão. Estas, sem embrulho e sem laços, revelam em si amarras de uma história que ninguém parece querer contar, ou ouvir [...] Uma realidade que também testemunha a ruptura entre vida e humanidade. Existir não basta. É preciso algo mais para se tornar gente aos olhos de um outro que vê, mas não enxerga.

¹ Essa crônica encontra-se publicada no livro "Infância Crônica": RIBES, Rita; VENAS, Raíza. (Org.). Infância Crônica. 1ed. Rio de Janeiro: NAU, 2019.

Então iniciado às perversas contradições da desigualdade, essa que embaça a vista e amarga a boca, talvez o que o menino que espia procure, em sua sincera curiosidade, ao olhar para dentro da casa de rua, na rua, seja justamente o alento que só uma resposta ilusória é capaz de oferecer à questão que a concretude do absurdo evoca: afinal, que diferença fundamental existe entre ele e o morador que ali reside?

Andando pelas ruas do Rio de Janeiro, sobretudo a partir de 2016, tornou-se comum encontrar famílias morando em marquises como essa. Ainda que os dados do último levantamento da prefeitura, realizado em 2018, apontem cerca de cinco mil pessoas morando na rua – diferente do estudo anterior, que indicava quase quinze mil (GLOBO, 2019) –, a sensação que se tem é de que a cada dia o número aumenta.

Morar na rua coloca em questão pelo menos dois processos identitários relacionados diretamente aos sentidos da casa. O primeiro coletivo, balizado pelos lugares sociais que cada pessoa vai ocupar, que se constituem também das nomenclaturas que receberão – morador de rua, mendigo, abrigado, pedinte, pivete, menor, etc. – e um segundo que é a dimensão individual, constituída no movimento sempre alteritário entre o que sou eu para o outro e o que sou eu para mim (BAKHTIN, 2011). Em outras palavras, os sujeitos, quando nomeados, passam a ocupar um lugar específico no imaginário social e no cotidiano que ora lhes interdita determinadas entradas e, noutras, lhes permite acesso livre, borrando fronteiras e forçando limiares.

É precisamente essa relação simbiótica entre eu e o outro, entre o coletivo e o individual, entre a moradia e a pessoa, que ajuda a perspectivar a estética da casa como eixo organizador do processo identitário. Não à toa, mesmo em situações de deslocamento forçado, como quando esconder-se é condição da sobrevivência ao holocausto, por exemplo, é comum identificar tentativas de tornar seu o espaço do esconderijo, da exceção, do horror. Anne Frank, a menina que ficou conhecida por seu diário, tinha coladas na parede do que passou a ser seu quarto, no esconderijo em que ficou com a família em Amsterdã no contexto do regime nazista, fotos e imagens do quê e de quem gostava.

O estético que marca a contrapartida do horror, mais em tensão que em síntese, é justamente esse esforço que a vida processa de encontrar um jeito, de criar uma forma, de resistir e seguir. O pulso, a necessidade de ser e sentir-se plenamente vivo, ou o contrário de um estar anestesiado, é, pois, instintivamente avassalador. Essa estética talvez marque a busca, realizada por todos nós, ainda que inconscientemente, de dar sentido ao caos da vida. E parece ser precisamente a busca por esse sentido que move o menino a permanecer parado na calçada. O estranhamento que marca seu olhar, fitado e fixado na casa de rua, faz estremecer qualquer lógica. A dialética entre a casa e a rua faz emergir para ele a moradia como indagação, no sentido mesmo da aproximação do tema com a vida, tal qual nos fala Benjamin (2003), quando a questão se torna insustentável, afinal, por que? Como? Até quando?

ESPELHO D'ÁGUA

À primeira vista, uma represa é só uma represa. Água e mais água, delimitada pela estrutura de uma barragem que desenha suas fronteiras e de comportas que ditam o ritmo de suas correntes. Ora a potência de um repuxo que impulsiona a água para fora, ora a calma de uma grande piscina que aguarda o momento certo de se rebelar.

Submersa em toda a barragem há, porém, a memória de um rio por ela violentado. É quando a água devolve à imensidão do concreto sua face mais cinzenta, lembrando das quedas e cachoeiras que morreram afogadas e das matas ciliares desenraizadas, que forçam um voo sem pousos às aves que migram. As comportas que regulam a entrada e a saída de

água demarcam, então, a degradação de um rio tragado pela técnica humana, que passa a correr o curso de sua vontade e a pagar o preço de sua ganância.

Antes que a barragem, monumento de barbárie que se quer mensageiro do progresso, soterra também a história de toda uma região, trabalhadores rurais se levantam para defender seus direitos sobre a terra da qual, por gerações, fazem a própria vida. Na construção coletiva dos sentidos em disputa, as crianças redesenham as perspectivas desse estar junto. Nesse processo, a menina cujo rio passa no quintal de casa, que cresceu acompanhando os ritmos de cheia e as vazantes, cunhando sua identidade no movimento cotidiano da natureza, agora lhe lança um olhar jamais testemunhado: o de quem pactua com as águas a decisão de tornar o luto verbo e princípio. É na potência desse encontro da menina com as águas que emerge a continuidade do movimento de luta pela moradia.

O espaço que permite o encontro da menina com as águas é o espaço de luta do Movimento dos Atingidos por Barragens, que tem início a partir da articulação dos atingidos ainda na década de 1970, quando uma profunda crise energética impulsionou a busca por fontes “renováveis” de geração de energia. Para atrair capital externo, o país foi cumprindo uma série de exigências, feitas pelas empresas eletrointensivas (alumínio, ferro-liga, etc.) no tocante às adequações estruturais, o que colocou o Estado brasileiro como principal financiador da construção das hidrelétricas. No entanto, sem propostas de indenização adequada e diante da insatisfação com o desamparo estatal, foram se formando pequenos grupos de resistência nos locais onde as obras tinham início.

Ao nos advertir que o espaço se constitui da junção entre forma e conteúdo, Milton Santos (2014) chama atenção ao fato de serem, as relações estabelecidas, demarcadores fundamentais da condição de passagem de uma paisagem – aquilo que podemos apreender por meio dos sentidos – para a categoria de um espaço – o que resulta da ação humana na relação com os objetos.

Para além da conceituação do espaço na sua distinção de paisagem, há de se olhar também para os modos como as crianças se relacionam em seu interior e o significam. Jader Lopes (2009) chama atenção à compreensão de que a criança, além de sujeito histórico, é também sujeito geográfico, o que implica dizer que vai construindo, na realidade da vida, modos próprios de significação e relação com as paisagens. Ou seja, a criança faz parte do processo de constituição dos espaços – da mesma forma em que é, por diferentes espaços, também constituída, o que nos permite pensar a infância em sua potência de ação no mundo, ao mesmo passo que em sua pluralidade contextual.

Essa percepção sobre como significamos os espaços que dizem de nós e nos devolvem quem somos, num movimento dialético de formação identitária, convoca a pensar a luta por moradia não como articulação que reivindica a estrutura da casa em si, mas sim o espaço ao qual essa casa pertence, e no qual os sujeitos envolvidos nessa luta fazem suas vidas. Não está em jogo, portanto, apenas o valor da extensão territorial ou da potência produtiva nele contido, mas também as relações que ali foram estabelecidas, as memórias que encharcam o solo de história, os afetos que brotam a cada novo amanhecer, enfim, a potência de vida por ela expressa. A moradia é, então, entendida a partir do olhar que a menina mira às águas, ou seja, como luta coletiva, como espaço praticado, fruto das relações dos sujeitos com a região. É finalmente dar-se conta de que a ameaça ao território é ameaça à condição da própria vida.

Considerações Finais

As diferentes experiências de deslocamento e moradia das crianças aqui trazidas se aproximam na medida em que, além de se tratar de um desenho da historicidade da infância contemporânea, desenha também a historicidade de um contexto temporal constituído pela pior crise econômica que já atravessamos – o que acaba por forçar todos os indivíduos pobres a reorganizar por completo suas vidas, buscando melhores condições de existência-resistência. As discussões sobre moradia se inserem nesse meandro justamente por se tratarem das questões mais imediatas pelas quais os sujeitos decidem se deslocar: a busca por modos de sobrevivência.

Por esse motivo, a perspectiva de visada se altera justamente quando a ideia do direito à moradia sai de uma perspectiva da naturalização e ganha uma conotação de luta – em suas diferentes escalas, ou seja, a partir da percepção de que os sentidos de morar não estão dados e de que ainda constituem questão de primeira ordem na defesa dos direitos humanos. Mesmo em situações de uma mudança aparentemente simples, de um mero trocar de casa, muitas vezes se desnudam lutas miúdas que se entremeiam às condições sociais, às lutas das mulheres com seus filhos demarcada pelas questões de gênero, à luta por políticas que visem a promoção dos direitos humanos.

Entender que o conceito de moradia é forjado nas lutas significa, então, perceber que ele acompanha e é delineado pelo sujeito de direito em questão – o que é imprescindível no exercício de compreender a dinâmica das relações sociais na configuração habitacional, na cidade e no campo. Dar-se conta disso é um processo de indagação do pesquisador, mas que se torna um processo de autoconhecimento e autocontextualização do próprio indivíduo, no caso, a criança com quem se dialoga no interior da pesquisa.

Isso se deve justamente ao fato de se encontrarem, as crianças, vivendo conosco a complexidade da vida e para ela tendo os olhos abertos desde a mais tenra idade. O que significa dizer que a dinâmica social toca a criança, de alguma forma, em alguma medida e, certamente, como o bater de asas das borboletas, traz à existência uma brisa que, do contrário, jamais seria sentida. Não há redoma de vidro capaz de isolar uma criança do que é – e faz – a sociedade na qual ela vive. Somos todos responsáveis.

A questão da moradia é trazida nesse texto como chão que torna as alterações metodológicas de pesquisa visíveis. Para algumas crianças, essa nem chega a ser uma questão, de garantida que está na história de sua vida – diametralmente entrelaçada ao lugar de sua classe. Para outras, no entanto, especificamente essas que aqui aparecem, a moradia emerge como questão e, portanto, tema a ser pensado e debatido. Mostrando-se em disputa, a moradia parece passar, então, a se tornar uma luta da qual a criança vai se dando conta na medida em que observa as contradições da realidade social e vai aprendendo a tomar partido delas.

Referências

- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. São Paulo: UNESP, 1998.
- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2002.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas cidades, 2002.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BENJAMIN, W. **A hora das crianças: narrativas radiofônicas de Walter Benjamin**. Tradução Aldo Medeiros. Rio de Janeiro: NAU Ed., 2015.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

CANDIDO, A. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

GLOBO. **“Levantamento da prefeitura do Rio indica que cidade tem 4628 moradores de rua”**. TV Globo. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/levantamento-da-prefeitura-do-rio-indica-que-cidade-tem-4628-moradores-de-rua.ghtml>. Acesso em: 17 nov. 2019.

LOPES, J. J. M. A criança e sua condição geográfica: contribuições da Geografia da Infância. **O Social em Questão**, Ano XX, n. 21. Rio de Janeiro, Puc-Rio, Dep. Serviço Social, 2009.

MACEDO, N. M. R. **“Você tem face?”**: Sobre crianças e redes sociais online. Tese (**Doutorado em Educação**). Faculdade de Educação, UERJ, Rio de Janeiro, 2014.

PALLASMAA, J. **Habitar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

RIBES, R.; VENAS, R. (Org.). **Infância Crônica**. 1ed. Rio de Janeiro: NAU, 2019.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. São Paulo: EDUSP, 2014.

TUAN, Y. **Topofilia**: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1974.

Recebido em 01 de dezembro de 2019.

Aceito em 15 de dezembro de 2020.